

ENTREVISTA

Maurício Waldman, professor, consultor ambiental e autor do livro *Lixo: cenários e soluções*

“Eu acredito no lixo mínimo”

DA REDAÇÃO

Os números da produção de lixo no Brasil são maiores que os de outras cidades no mundo. Na capital paulista, por exemplo, 51% dos resíduos produzidos são orgânicos. É mais que o dobro de uma metrópole típica, que produz cerca de 22% de lixo úmido. No interior de São Paulo, essa quantidade chega a 60%. Para o antropólogo, professor universitário e pesquisador Maurício Waldman, a solução para os problemas causados pelos resíduos sólidos é reduzir drasticamente a produção deles, o que pode ser feito de diversas formas. E isso não depende exclusivamente do poder público, pois a sociedade tem a obrigação de fazer a sua parte. Pós-doutorado no tema lixo domiciliar e autor do livro *Lixo, Cenários e Soluções*, Waldman fez a palestra de encerramento do A Região em Pauta, de A Tribuna, e apontou diversos caminhos para o País e para a Baixada Santista, que vive um momento de definição quanto ao destino dos detritos produzidos por seus cidadãos. Ele ainda analisou os avanços do Plano Nacional de Resíduos Sólidos, aprovado em 2010, e da lei municipal que entra em vigor em Santos a partir de julho, com a separação obrigatória do lixo seco do úmido.

Qual a solução para o lixo no Brasil?

Um país como o Brasil, em que grande parte do lixo descartado pelas residências é orgânico, tem que pensar rápido na questão da compostagem.

Por que isso não acontece?

Começa pelo fato das empreiteiras serem remuneradas por tonelada coletada da rua. Então, existe interesse em gerar lixo. Quanto mais lixo, elas têm mais retorno financeiro e são elas que financiam campanhas eleitorais. Os prefeitos também não fazem educação ambiental, não fazem compostagem. Não interessa ter menos lixo, é um círculo vicioso.

Isso já é feito com sucesso em outros países?

Alemanha, Holanda e Áustria, por exemplo, fazem o confinamento final de apenas 7% do lixo residencial, porque o resto é recuperado. Parte seca é reciclada e a parte orgânica vai à compostagem. As pessoas têm mania de achar que compostagem é coisa de terceiro mundo, mas o primeiro mundo está fazendo compostagem em larga escala.

Como fazer a compostagem? Tem que ser dentro de casa ou deve ser responsabilidade do poder público?

Eu entendo que há vários modelos de gestão. Pode ser equipamento da prefeitura, mas, se você pensar do ponto de vista ambiental, sou adepto de soluções que tenham menos ônus no equilíbrio geral dos recursos. A solução é fazer em casa. Ai, tem aqueles mitos de que cria cheiro, mas isso tem a ver com educação ambiental. Isso não impede que tenha um equipamento público também.

E como fazer isso em casa?

Olha, faço já há mais de dez anos. Não tem segredo nenhum, mas você tem que tomar alguns cuidados. Não pode colocar gordura. Mas você coloca casca de fruta, por exemplo, e deixa as minhquinhas trabalharem. É incrível como a composteira reduz o volume de lixo culinário.

E por que as pessoas devem

FERNANDA LUZ

“A melhor solução é repensar, reciclar e reduzir. Depois, nessa escala, você leva para um aterro o rejeito”

“Parte-se do princípio que a responsabilidade do lixo é de quem o gerou. Você gerou uma porcaria e o Estado é obrigado a limpar?”

fazer isso? Que benefício esse novo hábito pode gerar?

Você não está esgotando a capacidade dos aterros, gerando chorume, que contamina o solo e a água. Você pode usar nos vasos em casa ou no jardim do condomínio, em vez de comprar e pagar por terra adubada.

E o que o poder público poderia fazer para incentivar ou obrigar as pessoas a tomarem essa atitude?

Fazer lei. Por exemplo, uma lei municipal em Paris proíbe que os grandes polos de venda de alimentos, em especial legumes e frutas, joguem tudo isso no lixo. Eles têm que resolver e

ai dele se não resolver. Parte-se do princípio que a responsabilidade do lixo é de quem o gerou. No fim das contas, você gerou uma porcaria e o Estado é obrigado a limpar?

Como fazer para gerar menos resíduos secos, já que as embalagens estão dominando o mundo?

A gente está jogando coisa fora que não é para jogar. Os motivos são consumo desenfreado, consumo perdulário, falta de cuidado com recurso. De acordo com a Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), o brasileiro desperdiça 20% dos alimentos. Na Alemanha não tem esse índice de desperdício.

“Alemanha, Holanda e Áustria, por exemplo, fazem o confinamento final de apenas 7% do lixo residencial, porque o resto é recuperado”

Esse pessoal que passou por guerra não desperdiça. Acho que tem também uma coisa de mundo moderno de achar que tudo é descartável, até mesmo as pessoas.

Como o senhor avalia o Plano Nacional de Resíduos Sólidos, aprovado em 2010?

Não sei se essa lei está no caminho, porque ela foi postergada para 2020. Não quero provocar ninguém, mas há relatórios internacionais que apontam que o Brasil é o país que mais tem funcionário para lidar com lixo. É o país que mais gasta per capita com lixo e, em contrapartida, temos um dos

piores resultados finais.

Mas o que está no papel, é bom ou não é?

Ela é boa, mas existem interesses econômicos para não efetivá-la. Já alegaram, lá em Brasília, que os municípios não tinham verba nem pessoal. Isso é surreal, falta de vontade política. Não dá para falar outra coisa para explicar isso.

Falando ainda do plano, qual das medidas teve mais avanço até agora?

A logística reversa. Ela está caminhando, mas temos que expandir em alguns setores para generalizar. Digo que ela

avançou, não porque os empresários são preocupados com o meio ambiente, mas você tem certificações ambientais internacionais que têm muito peso no exterior. A gestão correta do resíduo gerado pesa contra uma firma se ela não fizer direitinho. Pega mal, não é bom para a imagem e, consequentemente, para os negócios.

Na Baixada Santista se fala em expandir o aterro sanitário e em incinerador de lixo. Qual a melhor solução?

O que vou dizer pode até surpreender, mas como técnico não sou contra o incinerador. Mas nenhuma sociedade que usa incinerador tem um nível tão baixo de reciclagem quanto o nosso. Alemanha, Suécia, Japão têm incinerador e os defensores do incinerador usam esse argumento. Mas eles reciclam bem mais do que nós. Eles incineram só o que não dá mesmo, porque o rejeito não tem onde colocar. Por isso que, por definição, não dá para ser contra o incinerador.

Então o senhor é a favor do incinerador?

Não é isso. O incinerador tem muitos problemas. O equipamento é caro, tem que ser importado, gera dependência tecnológica e o custo de operação também é alto.

O senhor então crê que, no nosso caso, o aterro sanitário é a melhor opção?

Não acho que seja a melhor opção. A melhor solução é repensar, reciclar e reduzir. Depois, nessa escala, você leva para um aterro o rejeito. Se não tiver área, aí não vai ter jeito, porque as cidades estão eliminando os espaços vazios. Nova York leva o lixo a 500 quilômetros de distância. Aqui no Brasil, 25% dos municípios está exportando o lixo. Já temos mapas rodoviários com o encaminhamento do lixo.

O senhor acredita que soluções de outros países podem ser aplicadas aqui ou as culturas são diferentes?

Pode ser aplicada e pode não ser aplicada. Eu só acho que por definição “pode” não é possível, porque isso não é ciência, é religião. Nós temos uma problemática nacional e temos que pensar em soluções nacionais, porque catador tem aqui. Não tem na Alemanha. Lá, quem faz a coleta de recicláveis é o Estado.

Sabemos que o brasileiro desperdiça muito, mas tem alguma coisa que se descarta lá fora que não vai para o lixo aqui no Brasil?

Têxteis. No perfil do lixo de Manhattan, de Bruxelas ou do Japão, você tem roupas, mas aqui a gente tem o hábito de dar as roupas para os pobres. Ninguém joga roupa no lixo. Nos Estados Unidos, 3% ou 4% do lixo é roupa.

Alguns especialistas falam no tal ‘lixo zero’. O senhor acredita que isso é possível?

Não, isso é mitologia. Eu acredito no lixo mínimo. Acho que falar isso é interessante para estimular as pessoas, mas não existe lixo zero. Você sempre vai ter algum rejeito. Quebrou uma porcelana em mil pedacinhos, você vai fazer o quê?

TÍTULOS DE MAURÍCIO WALDMAN SOBRE RESÍDUOS SÓLIDOS NA EDITORA KOTEV



O debate relativo aos RESÍDUOS SÓLIDOS constitui pilar central na atuação e missão da EDITORA KOTEV, publicadora digital que entrou em atividade em 2016. Saiba mais sobre esta vertente editorial da EDITORA KOTEV:

http://kotev.com.br/?product_cat=lixo

Qualquer dúvida contate o Atendimento da EDITORA KOTEV. Estamos à disposição:

atendimento@kotev.com.br

The advertisement features a woman with long, curly hair looking at her smartphone. Overlaid on the right side is the text 'EDITORA KOTEV Sintonizada com o Futuro Digital' in large, bold, blue-outlined white letters. At the bottom right, there is a logo consisting of a red lightning bolt inside a blue circle, followed by the text 'EDITORA KOTEV INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE'.

EDITORA KOTEV - VISITE NOSSA HOME-PAGE: <http://kotev.com.br/>